

Queridos amigos.

Há pouco mais de 40 dias comecei uma nova etapa de vida, marcada fisicamente por espantosa imobilidade, e emocionalmente por extraordinária ebulição de sentimentos. Eis que finalmente a vejo chegando ao final, pois que consigo articular palavras, e mesmo escrevê-las, sem que em 5 minutos as veja rodopiando em torno da minha cabeça.

Não me acredito capaz de reproduzir um átimo dos sentimentos mencionados: na realidade, ainda busco entender por quais caminhos andei vagando. Por vezes, muitas vezes, me senti personagem daqueles seriados americanos que se passam em hospitais, identificando falas e palavras soltas que teimavam em me dizer respeito: organismo não reagindo, não se encontra sangue compatível, taxas em queda, hematócritos!!! Por incrível que pareça, nenhum pânico. Tenho muitos planos para os próximos 20-30 anos.

Em meio a períodos que variavam, de alerta ao extremo torpor, era neste mesmo cenário povoado de sussurros e emoções daquele quarto de hospital que eu identificava nomes amigos, gestos, recados, uma inesquecível e comovedora mobilização. Anjos, meditações, santos, divindades, velas, terreiros, rezas várias, não havia limites para que os desejos fossem veementemente expressos, para que a esperança não se deixasse morrer.

Como agradecer a tanta gente, um a um como seria meu desejo, se nem ao menos saberei, de fato, o nome de todos que se mobilizaram – não havia como registrar as chamadas que se atropelavam, ou identificar a todos que de alguma maneira se expressaram, torceram, acompanharam, ou se deslocaram para o alto de uma ladeira a doar sangue, por vezes, para uma desconhecida.

Mentalmente reviro o dicionário de A a Z, e de volta ao A, na esperança vã de encontrar uma palavra capaz de expressar gratidão, alegria, emoção, retribuição...

E é nesse estado de espírito que vou atrás de Ana Cristina César, na busca de algo que me lembro há muito ter lido:

“Estou atrás  
do despojamento mais interno  
da simplicidade mais erma  
da palavra mais recém-nascida  
do inteiro mais despojado  
do ermo mais simples  
do nascimento a mais da palavra”.

Mas como a mim não foram dados dons de poeta, fico por aqui agradecendo como posso a dedicação infinita das minhas filhas e irmã, responsáveis, entre outros, pelo árduo papel de guardiãs enfurecidas das ordens médicas, cujo cumprimento foi decisivo na virada rumo à recuperação. Agradeço também muitíssimo a uma lista alentada de gente querida da família, amigas, amigos, médicos, enfermeiras e ajudantes. E gostaria que vocês soubessem que, embora uma persistente incompatibilidade a todos os sangues doados não permitisse que eu os utilizasse, agradeço em nome das centenas de pessoas que receberam as transfusões e são gratas pela mobilização promovida pelos amigos e por inúmeros desconhecidos, que não precisaram de grandes bandeiras para demonstrar que ainda temos, todos, salvação.

Com infinito carinho  
Solange

Nós também agradecemos muito pela mobilização emocionante que levou nosso apelo a todo o continente e além mar, revelando a enorme generosidade, dedicação e amizade de tantos por nossa mãe e irmã, o que nos comoveu muitíssimo. Muito obrigada e muito axé.

Clara, Laura, Astréa.